

EDIFÍCIO SÃO MARCOS E “PREVIDÊNCIA” CAIXA PAULISTA DE PENSÕES: SUBSTITUIÇÕES ESTILÍSTICAS NO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO PAULO.

Marília Andrade Lucchesi de Oliveira (IC) e Alessandro José Castroviejo Ribeiro (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

A pesquisa procurou ampliar a documentação existente sobre edifício São Marcos, 1959, significativa obra moderna situada na Praça da Sé, no marco zero do Centro Histórico da cidade, cuja autoria é do importante arquiteto imigrante de origem alemã Adolf Franz Heep. Além disso, investigou-se as ocupações e formações anteriores nos lotes sobre os quais foi construído o edifício moderno, na intenção de sobrepor e rever estas substituições de estilos, gabaritos e arquiteturas, de forma a compreender melhor as relações e transformações entre o edifício moderno e a cidade tradicional. Nesta investigação, surgiu o edifício da “Providência” Caixa Paulista de Pensões, 1912, de autoria do também arquiteto imigrante Julio Micheli, um belo exemplar típico da arquitetura eclética, que foi substituído pelo edifício moderno que agora ocupa a exata projeção da construção anterior. Se as mudanças estilísticas e gabaritos são evidentes, na forma do final do edifício ainda restam marcas da morfologia da cidade colonial e eclética.

Palavras-chave: Arquitetura moderna. Centro histórico de São Paulo. Edifício São Marcos

ABSTRACT

The research sought to expand the existing documentation about the São Marcos building, 1959, significant modern work located in Sé Square, at ground zero of the Historic Center of the city, whose authorship is by the important German immigrant architect Adolf Franz Heep. In addition to this information, was investigated the previous occupations and formations in the allotment on which the modern building was built, with the intention of overlap and review these substitutions of styles, heights and architectures, in order to understand the relations and transformations between the modern building and the traditional city. In this investigation, the “Providência” Caixa Paulista de Pensões building, 1912, was created by the also immigrant architect Julio Micheli: a beautiful example of eclectic architecture, which was replaced by the modern building, which now occupies the exact projection of the previous construction. If the

stylistic changes and heights are evident, in the final form of the building still remains marks of the morphology of the colonial and eclectic city.

Keywords: Modern Architecture. Historic Center of São Paulo. São Marcos Building.

1. INTRODUÇÃO

O estudo deste edifício encontra-se no contexto da pesquisa “O Centro Histórico de São Paulo: documentação e estudos de reabilitação”. Diversas etapas – patrocinadas pelo Mackpesquisa - já foram cumpridas. Hoje, inúmeros dados, coletados nos arquivos do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), AHWL (Arquivo Histórico Washington Luiz) e em fontes bibliográficas diversas e visitas de campo, encontram-se armazenados no “Banco de Dados do Centro Histórico de São Paulo”: com acesso on-line, restrito aos pesquisadores autorizados. Parte destas documentações aguardam complementações, revisões, relatórios e interpretações para serem liberadas à comunidade de um modo geral através do site já criado “Edifícios no Centro de São Paulo”.

A pesquisa procurou, então, ampliar a documentação existente sobre edifício São Marcos, 1959, significativo edifício moderno situado na Praça da Sé, marco zero do Centro Histórico da cidade, cuja autoria é do importante arquiteto imigrante de origem alemã Adolf Franz Heep. Além, destas informações, investigou-se as ocupações e formações anteriores nos lotes sobre os quais foi construído o edifício moderno, na intenção de sobrepor e rever estas substituições de estilos, gabaritos e arquiteturas, de forma a compreender melhor as relações e transformações entre o edifício moderno e a cidade tradicional. Nesta investigação, surgiu o edifício da “Previdência” Caixa Paulista de Pensões, 1912, de autoria do também arquiteto imigrante Julio Micheli, um belo exemplar típico da arquitetura eclética, que foi substituído pelo exemplar moderno que agora ocupa a exata projeção da construção anterior. Se as mudanças estilísticas e gabaritos são evidentes, na forma do final do edifício ainda restam marcas da morfologia da cidade colonial e eclética.

Figura 1 – Vista Externa Praça da Sé, Edifício São Marcos, 2010



Imagem – A. J. C. R.

Figura 2 – Vista Rua Anchieta e 15 de Novembro, Edifício da Previdência, 1925



Fonte – Instituto Moreira Sale

Será explanado no referencial histórico a importância região central de São Paulo, onde o edifício São Marco é inserido, e seus processos urbanísticos. A seguir na metodologia serão descritos os processos de pesquisa que foram realizados, já nos resultados e discussões será analisado o edifício “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões e o Edifício São Marcos. Por último nas considerações finais será feito o fechamento da pesquisa com suas conclusões.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A atual estrutura urbana do Centro Histórico de São Paulo apresenta uma configuração cujos principais delineamentos guardam relações com os processos de ocupação que remontam às origens da formação da antiga vila colonial. Mas, além disso, documenta as transformações sucessivas por quais passou a cidade, principalmente aquelas que testemunham sua transição de vila colonial à cidade cosmopolita na virada do século XIX para o século XX. Inicialmente, a transposição do Vale do Anhangabaú permitiu a ampliação da malha urbana dando início à formação do bairro de Santa Ifigênia, em seguida os Campos Elíseos e outros que viriam a configurar assim a chamada “Cidade Nova”. Na primeira metade do século XX, a área central foi objeto de uma sucessão de projetos de “melhoramentos” e reformas urbanas que buscaram atender a vertiginosa transformação pela qual a cidade passou no período. Das diretrizes pioneiramente formuladas por Silva Telles até a reurbanização do vale do Anhangabaú, muitas mudanças ocorreram. Da mesma forma, de Silva Freire a Prestes Maia, embora os sucessivos planos urbanísticos tenham trazido grandes contribuições para a modernização da nascente metrópole, a maioria deles não se implantou integralmente, sofrendo adaptações e acomodando-se às contingências políticas e administrativas.

A partir dos anos de 1920 foi iniciada uma intensa ocupação, que foi logo substituída, nos anos 30, por edifícios de altura máxima de seis pavimentos, tendência à verticalização que seria potencializada a partir de 1940. Nesse território uma estrutura viária e fundiária que remonta às origens coloniais foi alargada e ampliada rapidamente. Um tecido foi constituído ao longo do tempo, nos moldes de uma cidade tradicional; guardando ainda as marcas da geografia e da história. Nesse mesmo período, sistemas construtivos e estilos são substituídos e passam a conviverem (RIBEIRO, 2010, P.13).

A área abrigou historicamente o polo de negócios de São Paulo. A partir da década de setenta esse polo começou a se mover gradativamente em direção à Avenida Paulista, processo que prosseguiu, mais adiante, em direção à zona sul. Apesar de parte significativa

da atividade financeira persistiu no Centro Histórico, a partir do início da década nos anos 80 esse deslocamento acentuou se.

O centro veio apresentando condições de declínio motivadas, principalmente, pelos efeitos existentes dos ciclos de obsolescência das estruturas físicas. Como isso, as atividades primordiais de serviços e comércio, típicas das áreas centrais, têm se deslocado para outras regiões da cidade, à procura de situações mais favoráveis como a presença e concentração de público consumidor de maior poder aquisitivo.

Hoje, muitos edifícios do Centro Histórico encontram-se vazios, subutilizados ou em processo de transformação para novos usos. Tendo em vista a revitalização e reocupação dessa região, que foi palco de acontecimentos históricos e cujos edifícios são símbolos de sua época e, juntos, relatam a trajetória arquitetônica e cultural de toda uma sociedade, é preciso explorar o potencial de ocupação dessas construções. O estudo dos edifícios permite que tornemos público esse potencial, de forma a conscientizar o mercado imobiliário do valor cultural e de mercado dessas obras, endossando assim as diversas iniciativas já tomadas pelo poder público (CARRILHO, Santos, Ribeiro e Del Nero, 2013).

3. METODOLOGIA

Pretendeu-se alcançar a compreensão de cada um dos edifícios no contexto específico de sua realização, por meio da reconstituição histórica da ocupação do lote em suas sucessivas etapas, as edificações precedentes, os processos de remembramentos de lotes, a incidência de normas e limitações urbanísticas sobre os projetos, os pareceres de análise pela prefeitura, o exame das sucessivas versões apresentadas e as discussões de aprovação dos projetos. Vale acrescentar, por fim, a recepção, quando houver, da crítica especializada sobre as obras realizadas.

Além, destes procedimentos de caráter histórico foram cumpridos as seguintes etapas de trabalho: levantamento de processos no Arquivo Histórico Washington Luiz e a análise do que foi obtido; descrição e análise dos conteúdos dos processos legais, do Edifício São Marcos, de 1952 a 1971, fornecidos pelo Iphan; revisão bibliográfica; percepção e descrição das ocupações ocorridas no lote através da série de cartografias históricas e atuais da cidade de São Paulo; descrição da cronologia de construção dos edifícios através da documentação fotográfica disponível; visita in loco; inserção dos elementos da pesquisa no banco dados e liberação das informações para o site “Edifício nos Centro de São Paulo”.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

4.1. “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões

Pesquisas no Arquivo Histórico Municipal Washington Luiz (AHMWL) foram realizadas com o propósito de encontrar construções antecedentes nos lotes ocupados pelo Edifício São Marcos. As consultas com base nos registros de emplacamento e caixas de documentos referentes as ruas e suas cronologias de endereços, permitiram localizar as caixas 269 de 1912, referente a Rua Anchieta número 5 e 5ª, e a 193 de 1912 referente a Rua 15 de novembro esquina com a Rua Anchieta e Largo da Sé. Nesta constam plantas, elevações e cortes de uma construção, intitulada de “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões”, anterior ao Edifício São Marcos e que ocupava os mesmos lotes dessa última. Em 1912 foi dado entrada ao processo de construção desse edifício com fachadas voltadas para o Largo da Sé, rua 15 de Novembro e Anchieta, já em 1914 foi iniciado processo de ampliação do mesmo, que ficaria com uma fachada voltada para a rua Anchieta maior.

O edifício da “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões foi projetado pelo engenheiro e arquiteto italiano Julio Micheli, conde florentino vindo de uma família nobre italiana. Após ter viajado por toda Europa fixa sua residência em São Paulo, 1888, com 26 anos. Dentre todos os seus projetos se destacam, o Viaduto da Santa Efigênia, os edifícios que abrigaram o Banco Francês Italiano e o Instituto Médio Ítalo Brasileiro Dante Alighieri e entre outras obras. No livro “Italianos no Brasil: Andiamo in’Mérica” escrito por Franco Ceni, é mencionado que Giulio Micheli havia projetado o prédio da Previdência.

[...] várias construções nos mais diversos estilos, inclusive o tipicamente florentino, e outros naquele estilo floreado tão cheio de grinaldas presas a bocas de animais, de folhagens e de frutas, de máscaras e de medalhões. Construíram nesse estilo o prédio da Previdência, na esquina do largo da Sé com a rua Quinze de Novembro e a rua Anchieta (o primeiro edifício de cinco andares da cidade), e o palacete da Livraria Alves, na Rua Líbero Badaró, dos mais característicos e completos no gênero. (CENNI, Franco. Italianos no Brasil: “Andiamo in’Mérica”. São Paulo: Edusp, 2003, p.411)

Na planta da cidade de São Paulo levantada pela companhia Cantareira e de Esgotos em 1881, é possível perceber uma construção anterior ao edifício da “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões, também ocupando todo o lote, excetuando-se um poço de iluminação em seu interior. Percebe-se, igualmente, que a quadra está quase totalmente construída (Figura 3).

O edifício da “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões foi projetado em 1912 e posteriormente ampliado pela Rua Anchieta em 1914 com acréscimo de mais um lote. No

mapa Sara Brasil de 1930 foi delimitado o edifício em linhas vermelhas (Figura 4): nele é possível perceber que a volumetria do edifício se assemelha a uma “extrusão” do lote, resguardados três vazios, assinalados em verde, destinados aos poços de iluminação e ventilação dos compartimentos interiores. Na planta o mapa Vasp-Cruzeiro de 1954 (Figura 5) percebe-se que a projeção do edifício permanece a mesma, porém, nota-se a demolição de um edifício de frente para Rua Anchieta.

Figura 3 - Planta de São Paulo, 1881



Fonte – Site ArquiAmigos

Figura 4 – Mapa Sara Brasil, 1930



Fonte – Site GeoSampa

Figura 5 – Mapa Vasp-Cruzeiro, 1954



Fonte – Site GeoSampa

O edifício da “Previdência” Caixa Paulista de Pensões possuía uma volumetria aparentemente uniforme, ou seja, encerrada na mesma altura. Porém, essa aparente uniformidade “escondia” ou diluía a diferença de um pavimento entre o corpo do edifício voltado para o largo da Sé, e aquele maior disposto para a Rua Anchieta, em decorrência do desnível entre a Rua Anchieta e Largo da Sé. Um corte, ainda na fase do primeiro projeto de 1912, passando pelas Rua Anchieta e Largo da Sé mostra que o corpo voltado para o largo

possuía cinco pavimentos e um porão, enquanto o voltado para a Rua Anchieta, uma sobreloja a mais. (Figura 7)

No projeto de 1914, além da incorporação de um lote, também ocorreu o acréscimo de outro pavimento sob as águas furtadas (Figura 15). Sendo assim, o edifício da “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões passou a ter seis pavimentos, mas o desnível entre volumetrias permaneceu, entretanto, quase imperceptível aos observadores.

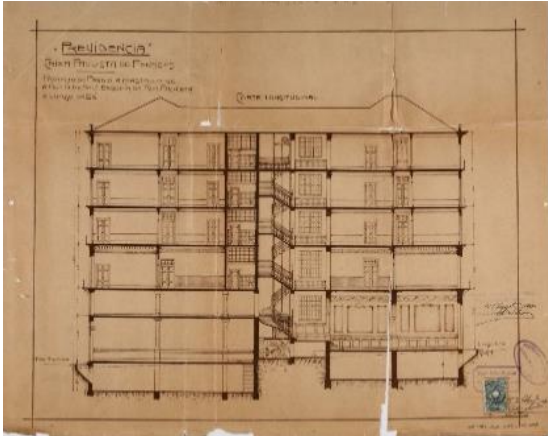
Há que observar uma mudança importante entre um projeto e outro. As plantas de 1912 tem uma circulação muito bem definida: um núcleo de escada helicoidal, elevador principal e outro secundário disposto mais discretamente e sanitário, ladeados por duas áreas abertas (poços) que dividia e articulava as duas partes principais, voltadas para a rua Anchieta e o Largo da Sé e a partir do primeiro pavimento um segundo hall dava acesso às salas voltada para a Anchieta. Nas modificações de 1914, este esquema foi mantido, porém, houve a necessidade de prolongar os corredores paralelos às fachadas de modo a permitir acesso às novas salas, definindo assim as circulações e articulações do pavimento tipo.

Do primeiro ao quinto andar se reproduz o esquema do pavimento tipo (Figura 13 e 14): corredores dando acessos às salas de trabalho, sendo doze de tamanhos variados destinadas à aluguel, em 1912 e com a ampliação em 1914 passaram ser no total de dezenove salas. O primeiro pavimento abrigava ambientes para a administração do edifício, assim tendo salas para o diretor, diretoria, secretaria, médico, salões para possíveis reuniões e sanitários (Figura 11 e 12).

Através do corte transversal, pode-se perceber que a estrutura era modulada e em concreto armado. Ainda é possível notar que o bloco central na torre, destinado a circulação, feita através de uma escada e elevador principal em seu meio. (Figura 6).

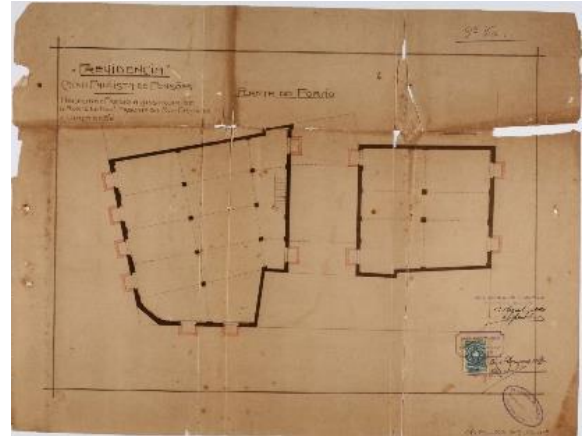
O edifício em 1912 apresentava dois vazios, com a ampliação realizada em 1914, passaram a ser três, sendo que o central agora maior que em 1912 e está presente do térreo até o ático; o da ponta superior esquerda do primeiro andar até o ático; por último o da parte inferior do edifício no térreo era ocupado por um sanitário, em 1912, se tonava vazio do primeiro andar até o ático. Em 1912, o vazio central e da parte inferior tem aos seus lados terraços no primeiro andar e ao longo dos pavimentos tipo essa área é absorvida tornando o vazio maior. Outra mudança por conta ampliação foi a divisão do único sanitário por andar para dois, do primeiro andar até o ático. (Figuras 9, 12, 14 e 15)

Figura 6 – Corte, 1912



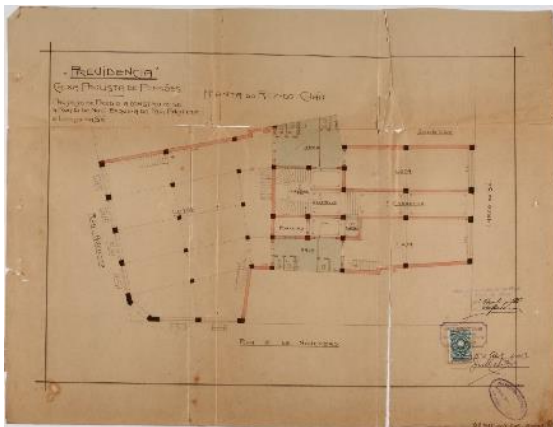
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 7 – Porão, 1912



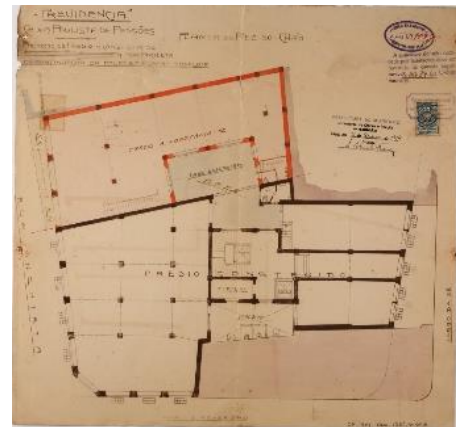
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 8 – Rez do Chão, 1912



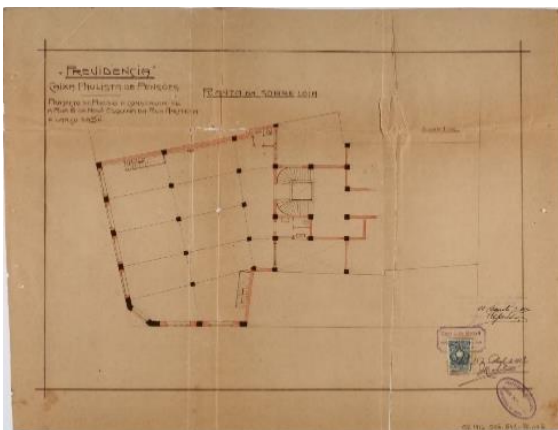
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 9 – Rez do Chão, 1914



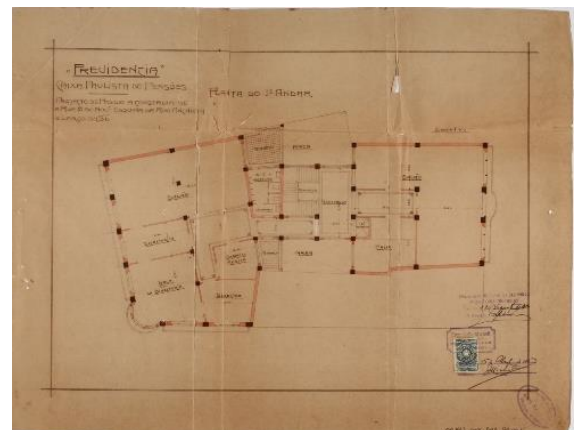
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 10 – Sobre Loja, 1912



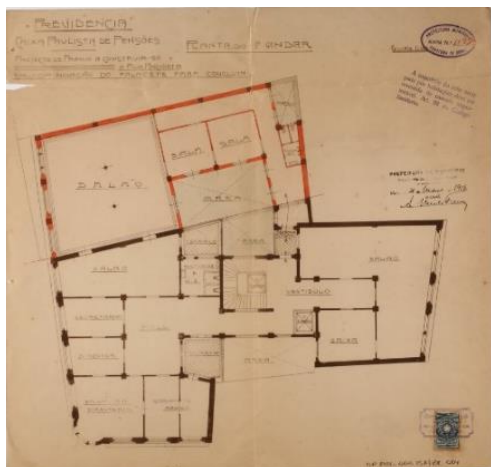
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 11 – Primeiro Pavimento, 1912



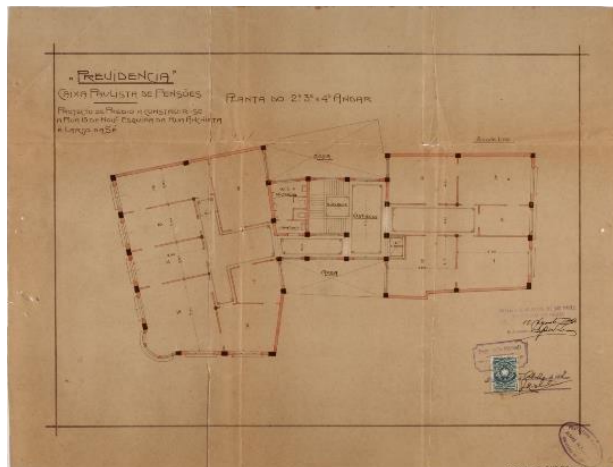
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 12 – Primeiro Pavimento, 1914



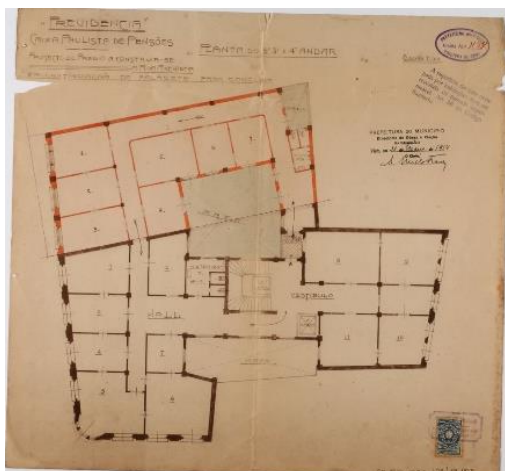
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 13 – Pavimento Tipo, 1912



Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 14 – Pavimento Tipo, 1914



Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

Figura 15 – Quinto Andar (Águas Furtada), 1912



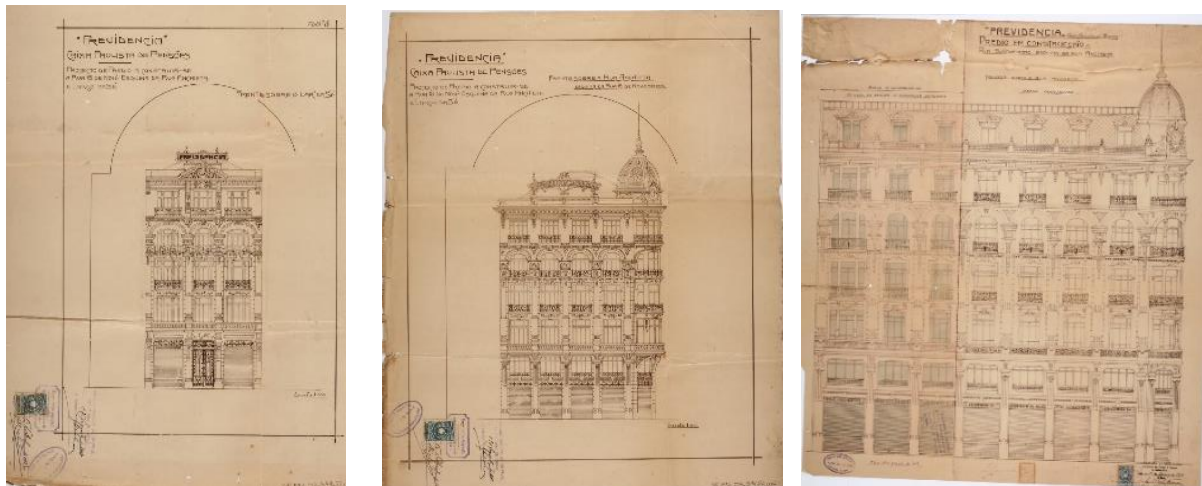
Fonte: Arquivo Histórica Washington Luis

O edifício da “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões, configurava um estilo eclético. Franco Ceni, em “Italianos no Brasil: Andiamo in’Mérica, diz que o edifício apresentava um “estilo floreado tão cheio de grinaldas presas a bocas de animais, de folhagens e de frutas, de máscaras e de medalhões” (CENNI, Franco. Italianos no Brasil: “Andiamo in’Mérica”. São Paulo: Edusp, 2003, p.411).

As fachadas do edifício são marcadas pelo ritmo das colunas salientes e trabalhadas pelos ornamentos, quase sempre compartilhadas de acordo às medidas dos compartimentos. A modenatura é clara, e em boa parte das circunstâncias concilia função estrutural e

composição estilística. A maestria é notável, sobretudo, pela irregularidade do lote, das plantas e volumetrias (figuras 16). De toda forma, fica explícito no tratamento das fachadas uma ordem do embasamento ao coroamento, na qual ficam claras as hierarquias nos tratamentos, correspondendo, em parte, aos usos e importâncias das ocupações: ou seja, a clara intenção de manifestar o caráter e nobreza do edifício

Figura 16 – Fachada Largo da Sé, 1912; Fachada rua Anchieta, 1912; Fachada rua Anchieta, 1914;



Fonte: Arquivo Histórico Washington Luis

As fachadas do edifício são marcadas pelo ritmo das colunas salientes e trabalhadas pelos ornamentos, quase sempre compartilhadas de acordo às medidas dos compartimentos. A modenatura é clara, e em boa parte das circunstâncias concilia função estrutural e composição estilística. A maestria é notável, sobretudo, pela irregularidade do lote, das plantas e volumetrias (figuras 15, 16 e 17). De toda forma, fica explícito no tratamento das fachadas uma ordem do embasamento ao coroamento, na qual ficam claras as hierarquias nos tratamentos, correspondendo, em parte, aos usos e importâncias das ocupações: ou seja, a clara intenção de manifestar o caráter e nobreza do edifício.

4.2. Análise e descrição dos conteúdos dos processos legais do Edifício São Marcos

O responsável pelo início dos processos administrativos para a construção do edifício São Marcos, em 1952, foi o engenheiro e arquiteto Luiz Contrucci que teve como cliente Atílio Matarazzo, filho do grande empresário Francesco Matarazzo. Nesse processo foram apresentadas as devidas plantas e um memorial descritivo, no qual foram feitas uma série de especificações em relação à construção do edifício.

O edifício inicialmente teria fundação (estacas) e estruturas em concreto armado. A alvenaria seria de tijolos comuns, tanto em fundações como em elevação, assentados com argamassa de cimento e areia, cobertura em lajes de concreto armado devidamente impermeabilizadas e com isolante térmico e forro sob laje feito de chapisco de cimento e revestimento comum.

Os revestimentos seriam de pastilhas “Argilex” nas fachadas principais, pastilhas “Vidrotil” no Hall, já as empenas e fundos em revestimento normal para caiação, barras de azulejo com 1,50m são destinadas as áreas de sanitários, cozinha e lojas, e o resto dos ambientes internos teriam revestimentos comuns. O piso do Hall de entrada, banheiros, cozinha e instalações sanitárias teriam piso em pastilhas “Argilex”, já o Hall interno e dos demais níveis, escadas e passagens de “Granilite” e nas salas e lojas teriam taco de peroba.

As esquadrias foram especificadas de ferro nas janelas de correr e vidro duplo transparente nas fachadas, as basculantes internas com vidro tipo fantasia e na porta da entrada principal que teria vidro triplo transparente, e o restante das portas seriam de cedro tipo liso. O projeto previa a instalação de quatro elevadores podendo ser da marca “Atlas” ou “Ottis”. Ainda há um detalhamento em relação aos tipos de pintura, sendo à cal para revestimento normal, como dito acima, internamente, nos forros e acima das barras, à óleo nas passagens, em toda altura do pé direito e esquadrias de ferro e meio esmalte nas portas internas. Ainda fazia parte do memorial, descrições das instalações hidráulicas e elétricas.

Com a análise das plantas, cortes e elevações pela prefeitura, foi pedido que o projeto se adequasse às normas, tendo em vista que a rua Anchieta tinha 10m e as construções da rua deveriam obedecer ao D.L 92/41, art 4º (2 vezes a largura da rua), além de ter infrações do art 2º e 3º do D.L 92/41. A largura da rua estava diretamente às normas de iluminação e ventilação, através dos recuos sucessivos, ou setbacks. O alvará de construção, previa um edifício de 16 pavimentos, subsolo, ático para cinco lojas, um apartamento e 220 escritórios.

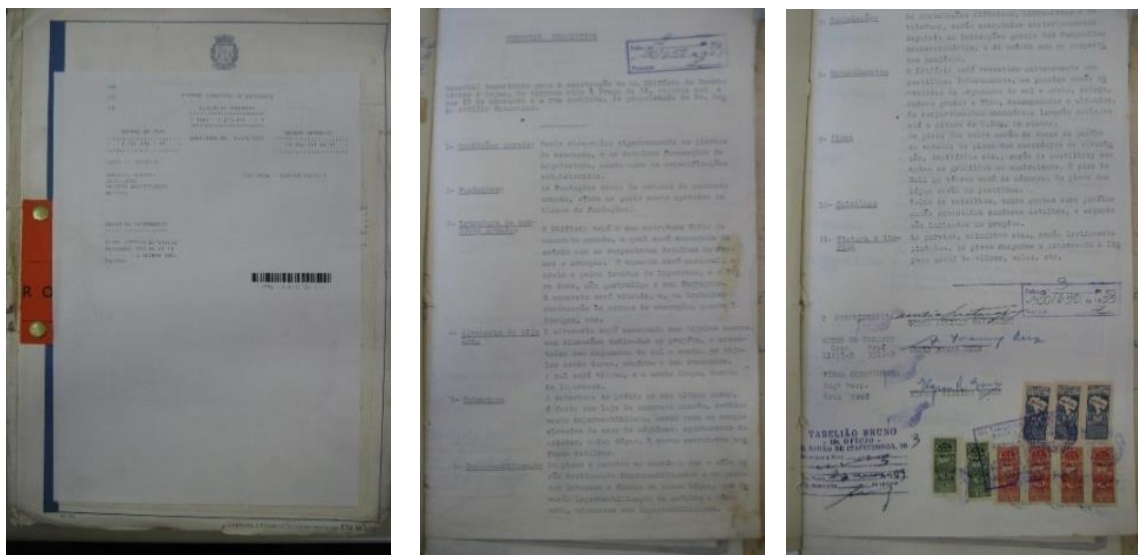
Em 1955 foi feito um pedido o despejo dos inquilinos do Edifício da Previdência, que foi julgado em 1956, ordenando a desocupação até janeiro de 1957 e nesse próprio ano foi pedida a permissão para a demolição do edifício existente no lote. Em 1958, foi dada entrada ao processo de substituição de plantas, trocando do engenheiro e arquiteto Luiz Contrucci, pela Construtora Heep Ltda., que tinha como responsável técnico o arquiteto Ivan Gilberto Castaldi, e responsável técnico pela execução da obra o engenheiro civil Elgson R. Gomes.

Em relação ao memorial descritivo rerepresentado, houve algumas mudanças nas especificações e melhor explicitação dos processos: as fundações agora são com estacas de

concreto armado, sobre as quais serão apoiados os blocos; a estrutura seria ainda de concreto armado. A alvenaria será de tijolos comuns, duros, sonoros e bem recozidos, nas dimensões adequadas ao projeto e assentados com cal e areia limpas e isentas de impurezas. No memorial ainda constava que a cobertura do prédio seria também de concreto armado devidamente impermeabilizado, assim como as casas de máquina, apartamento do zelador e caixa d'água. Os pisos e paredes em contato com o solo deverão ser impermeabilizados e as paredes internas e fundos de caixa da água terão camada de asfalto sobre argamassa como impermeabilizantes. Já as instalações elétricas e hidráulicas seguirão as indicações gerais das companhias concessionárias.

O edifício seria revestido externamente com pastilhas não especificadas e internamente por argamassa de cal e areia, emboço, reboco grosso e fino, desempenadas e alisadas, os sanitários terão azulejos até 1,50m de altura. Os pisos das salas continuam de taco de peroba, porém acrescentam a possibilidade de talvez serem de embuia, os corredores, sanitários e lojas serão de pastilhas não especificadas, as escadas em "Granilite" ou equivalente, o Hall no térreo será de mármore. A parte sobre caixilhos encaminha para as especificações feitas nos detalhes projetuais. A autorização da substituição das plantas correu, tendo assim seu alvará repostado, por um que previa um edifício de 16 pavimento, subsolo, ático para seis loja, um apartamento e 131 escritórios.

Figura 17 – Capa e memorial descritivo, 1959



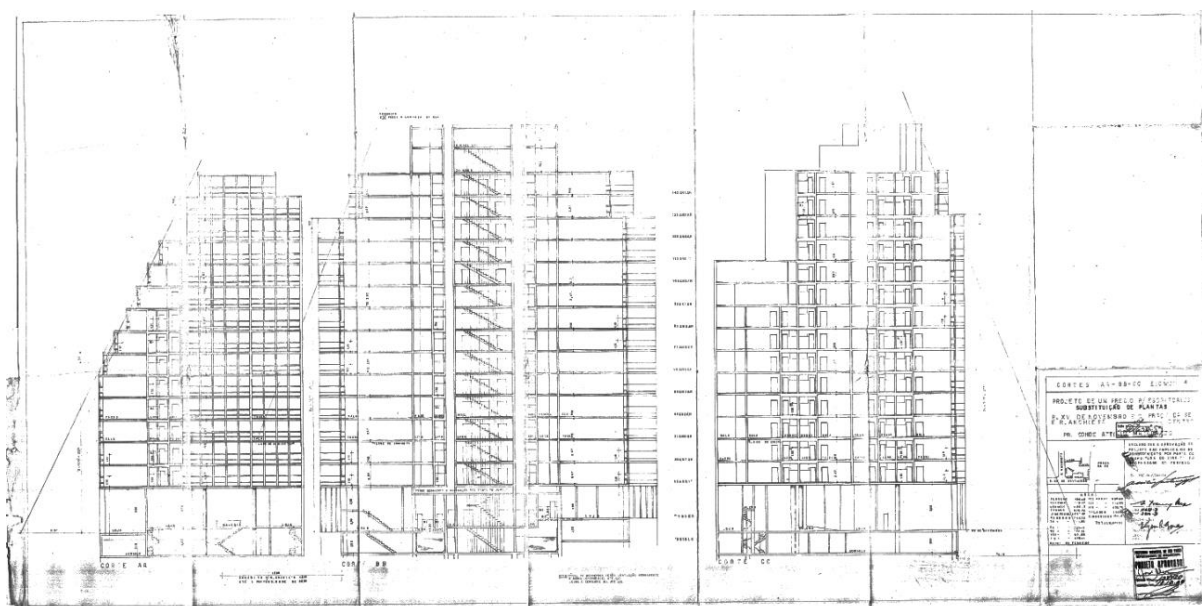
Fonte – Arquivo do Iphan

Em 1959, surge outro processo pedindo outra substituição de plantas agora tenho como autor do projeto Adolf Franz Heep. O memorial descritivo continua o mesmo assinado anteriormente pelo representante técnico, o arquiteto Ivan Gilberto Castaldi, e responsável

técnico pela execução da obra o engenheiro civil Elgson R. Gomes que faziam parte da Heep Ltda. (Figura 17).

Em 1960 o engenheiro até então responsável pela obra, Elgson R. Gomes, comunicou-se isento da responsabilidade assumida no processo de 1958. Logo após é comunicado um novo responsável, o engenheiro e arquiteto Paulo Alves Ferreira. A partir desse processo nada mais relevante aconteceu até o término da construção.

Figura 18 – Cortes, 1959



Fonte – Arquivo do Iphan

4.3. O Edifício São Marcos

A torre moderna foi projetada em 1959 pelo arquiteto Adolf Franz Heep que nasceu em Fachbach na Alemanha em 1902, e forma-se em arquitetura na Escola de Artes Aplicadas em Frankfurt em 1926. Adolf Franz Heep mora em Paris por um tempo, chegando a trabalhar com Lurçat, Le Corbusier e Jean Ginsberg, mas com o final da segunda guerra mundial migra para o Brasil, com sua esposa, onde chega a trabalhar com Jaques Pilon. Esse edifício que apresenta fachadas voltadas para as ruas Anchieta, 15 de Novembro e Praça da Sé, teve seu pedido de construção feito pelo Attilio Matarazzo.

4.3.1. A forma

Confrontando o mapa Vasp Cruzeiro de 1954 (Figura 19) e a Ortofoto MDC, de 2004 (Figura 20), percebe-se que o edifício São Marcos, delimitado em vermelho, permaneceu

ocupando a mesma projeção já descrita para o “PREVIDÊNCIA” Caixa Paulista de Pensões: resguardando-se um pequeno acréscimo na testada voltada para a Praça da Sé, retirado do lote estreito presente na cartografia, voltado para a XV de Novembro, ainda hoje existente e ocupado por um edifício baixo de térreo, sobreloja e mais três pavimentos.

Se a ocupação permanece análoga, o mesmo não pode ser dito sobre a volumetria. Mudanças nos parâmetros urbanísticos, motivados por uma verticalização intensa, como novos coeficientes de aproveitamento e novas normas para a iluminação por meio dos setbacks modificaram substancialmente a volumetria final. Pode-se dizer, com reservas, que uma ideia de “extrusão” ainda persiste, entretanto, a volumetria final se apresenta, agora, descontínua e irregular.

Figura 19 – Mapa Vasp Cruzeiro,1954



Fonte – Site ArquiAmigos

Figura 20 – Ortofoto MDC, 2004



Fonte – Site GeoSampa

A possibilidade de ocupar toda a projeção do terreno sem recuos de qualquer espécie ainda persistiu. Esta talvez seja a condição mais peculiar dos edifícios modernos construídos no centro de São Paulo: eles não podiam atar-se incondicionalmente aos princípios modernos de isolar os edifícios no lote para uma melhor salubridade, (Ribeiro, 2010). Neste sentido, os recuos sucessivos (setbacks) semelhantes aos adotados em Nova Iorque, e decorrentes das larguras das ruas conferem, ou melhor, desenham a forma final do edifício. Ou seja, para ruas de larguras diferentes, a altura final da edificação seria diferente: como é o caso do São Marcos, voltado para três diferentes ruas ou lugares. O edifício tem três fachadas distintas voltadas, respectivamente para Praça da Sé, 15 de Novembro e Anchieta. Daí a aparência escalonada, como observadas na elevação, corte e registros fotográficos (Figuras 18, 21 e 22)

Os recuos sucessivos eram definidos a partir da largura da rua, que rebatidas no alinhamento do lote, permitiam o traçado de uma hipotenusa, que recuava, até os limites razoáveis de aproveitamento do lote. Adendos na legislação permitiam adotar para os edifícios de esquina, a melhor condição postada para a rua mais larga. É o que se observa no São Marcos onde a altura máxima da edificação é adota pela XV de Novembro. Daí resulta que os dois corpos principais para a Sé e XV de Novembro tenham uma mesma altura. Entretanto, um terceiro corpo na Anchieta, mais estreita, sofre “as deformações” da lei, resultado num volume quase desgarrado, quase imperceptível, se não fosse conferido às fachadas.

4.3.2. Processo de aprovação, programa e os pavimentos

Foi possível localizar duas levas de plantas do edifício São Marcos, as de 1958 assinadas pela Construtora Heep Ltda., tendo como responsável técnico o arquiteto Ivan Gilberto Castaldi e responsável pela execução da obra o engenheiro civil Elgson R. Gomes e as de 1959 assinadas pelo arquiteto autor do projeto, Adolf Franz Heep e pelo responsável pela execução da obra Elgson R. Gomes.

Ambas as plantas referentes aos subsolos possuem espaços definidos para as caixas d'água separadas, sendo eles 2 em 1958 e 4 em 1959, cada um com outro espaço independentes a eles, mas ao lado para abrigar as bombas de água. Além disso, os subsolos apresentavam depósitos e dois espaços reservados para o lixo, os quais ficavam ao lado dos elevadores, assim como nos seguintes pavimentos, em 1958. Já em 1959, o espaço para o lixo se encontra na frente ao poço dos elevadores, porém no térreo e na galeria não se faziam presentes e volta a ser como o de 1958 do primeiro andar ao décimo catorze andar.

No térreo do edifício projetado em 1958 (Figura 21), há no mínimo 5 lojas, não podendo ser preciso esse número por conta do estado de conservação da planta, 3 sanitários, depósito e o segundo térreo, como é chamado, apresenta o mesmo programa. Já a projetada em 1959, além de ter uma circulação diferente da anterior, apresenta 21 lojas, dois sanitários, depósito e na galeria, como é chamada, também apresenta o mesmo programa. Tanto o segundo térreo quanto a galeria se configuram como pavimentos acima do térreo, feitos para suprir o desnível ainda existente da Praça da sé com a rua Anchieta.

O pavimento tipo do primeiro ao quinto andar em 1958, apresentava 10 salas comerciais, cada uma com um sanitário privativo, mais dois sanitários no corredor e um vestiário, já no de 1959 (Figura 21), o número de salas passa para 13, cada uma ainda com o seu banheiro privativo, além dos dois banheiros e vestiário no corredor.

Do sexto ao décimo quarto andar o último pedaço do edifício, voltado para a rua Anchieta, começa a escalonar, assim as plantas seguintes são distinguidas mostrando essa modificação de andar a andar. Com isso, em ambas as plantas do nono pavimento do edifício, nessa região, que agora é escalonada, tinham duas salas e passam ser uma e no décimo segundo pavimento, também em ambas as plantas, essa única sala é eliminada. Assim totalizando em 1958, 8 salas e em 1959 11 salas.

Já no décimo terceiro pavimento, décimo quarto pavimento, zeladoria e casas de máquina o restante do edifício começa a escalonar. Mas nos dois primeiros, ainda continuam sendo em 1958, 8 salas e em 1959, 11 salas, mas agora com tamanhos menores. Na zeladoria foi possível perceber duas caixas d'água de 32 500 mil litros que se estendem para o andar acima da casa de máquinas, um hall, duas salas, depósito e terraço.

A partir dos cortes feitos nas duas datas pode-se perceber que o edifício apresenta na parte central um bloco de circulação vertical com 4 elevadores, que se desloca do primeiro andar à zeladoria, e logo em frente deles a escada de emergência, que interliga o os andares do subsolo à casa das máquinas. Além disso, há outros lances de escada que interligam do subsolo ao segundo térreo ou galeria, que estão dispostos em lugares diferentes de 1958 para 1959.

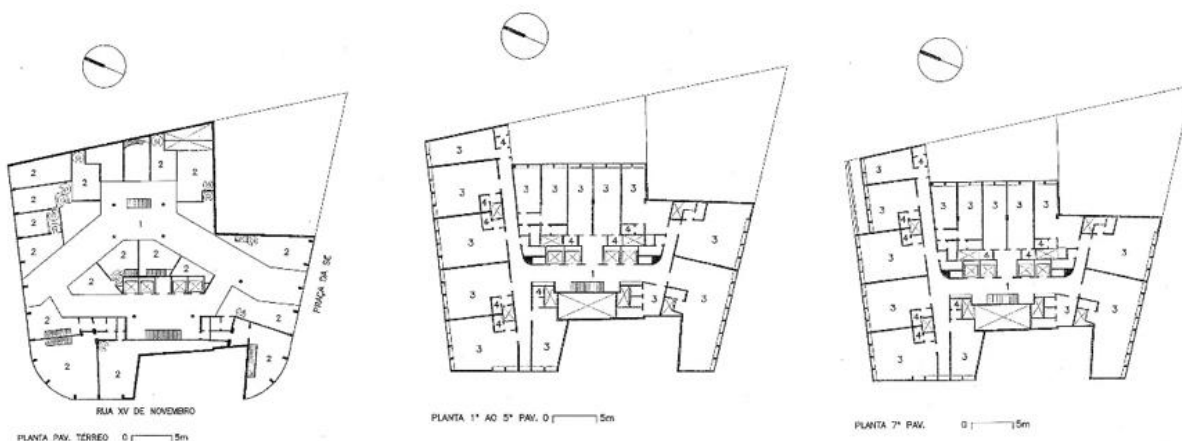
Do primeiro andar ao décimo quarto os banheiros são acompanhados de um shaft hidráulico, com exceção ao sanitário que fica na parte superior da planta, esse que a partir do décimo segundo pavimento, nas plantas de 1958 e de 1959, é eliminado. No desenho de 1958 atrás do elevador havia duas salas com sanitários privados, cada um com o seu shaft. Já na planta de 1959 essas duas salas são modificadas para cinco, assim o shaft da esquerda agora alimenta três banheiros e o da direita dois e a passagem para as duas salas do meio é feita através do espaço vago entre os dois elevadores onde ficava um poço.

Em relação aos vazios, no térreo e segundo térreo ou galeria há apenas um vazio, que se localiza em diferentes lugares da planta de 1958 para a de 1959, mas ambos voltados para o interior do lote e nos próximos pavimentos estes aumentam de tamanho. Ainda do primeiro andar à casa de máquinas há um poço voltado a rua 15 de novembro em ambas.

A estrutura do edifício, feita a partir de concreto armado, como visto no memorial descritivo no tópico de processos administrativos é modulada. Adolf Franz Heep encontra como solução para a fachada uma grelha de concreto armado independente à estrutura da torre, assim criando uma sensação de continuidade ao longo de toda a fachada, tirando as empenas

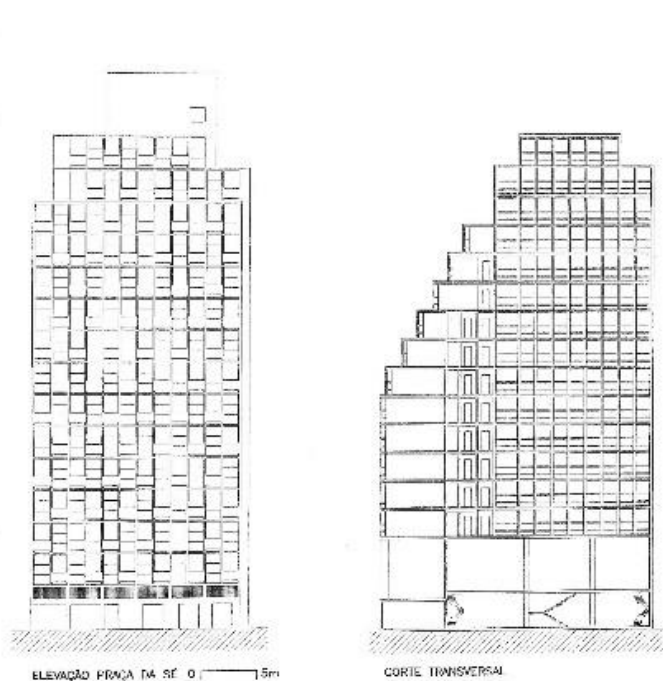
cegas, e à essa grelha são fixados os caixilhos das janelas. As elevações feitas tanto em 1958, quanto em 1959, são iguais, porém há diferença entre o desenho e a realidade do edifício.

Figura 21 23 – Plantas pavimento térreo, 1° ao 5° pavimentos e 7° pavimento



Fonte - BARBOSA, Marcelo Consiglio. Adolf Franz Heep: um arquiteto moderno. 2011. 391 p. : Tese (doutorado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

Figura 22 24 – Elevação Praça da Sé e Corte Transversal



Fonte - BARBOSA, Marcelo Consiglio. Adolf Franz Heep: um arquiteto moderno. 2011. 391 p. : Tese (doutorado) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011.

Figura 23 – Vista interna janelas das salas



Imagem – A. J. C. R.

Figura 24 – Vista interna térreo



Imagem – A. J. C. R.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas considerações importante a serem feitas são: as plantas que estavam no processo de 1958, são datadas de abril deste mesmo ano, e nele havia o pedido a substituição do Luiz Contrucci pela Construtora Heep Ltda., porém elas não são assinadas por Adolf Franz Heep, pois nesta data ele ainda estava passando pelo processo de retirada do seu registro profissional no Brasil, mas o consegue em julho de 1958 e em março de 1959 pede uma nova a substituição das plantas, agora contendo plantas com a sua assinatura; nas fachadas do edifício São Marcos, Adolf Franz Heep utiliza uma grelha feita de concreto armado, onde serão fixados os caixilhos das janelas de vidro. Essa solução é vista em outras importantes obras projetadas pelo arquiteto alemão, como o edifício Itália e o edifício sede do Jornal Estado de São Paulo e Hotel Jaraguá.

Como conclusão, o trabalho pretendeu reunir informações sobre o edifício São Marcos inserido no centro histórico de São Paulo, que foram inseridas na plataforma "Banco de Dados do Centro Histórico de São Paulo", a fim de torná-las acessíveis. Além disso, inicialmente foi analisada a construção anterior ao edifício em foco no estudo, a partir de dados recolhidos no AHWL (Arquivo Histórico Washington Luiz), onde foram encontradas plantas do grandioso edifício "PREVIDÊNCIA" Caixa Paulista de Pensões, projetado pelo arquiteto italiano Giulio Micheli e assim sendo possível comparar a construção anterior com a presente, podendo perceber que as duas construções apresentaram ocupações do lote parecidas, mas volumetrias diferentes, sendo a primeira com um estilo eclético e a segunda modernista.

Em relação à forma do edifício projetado pelo arquiteto alemão, foi também concluir que os recuos sucessivos (setbacks) exigidos pela lei tem um papel grande no desenho final da torre.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Moracy Amaral. **Pilon, Heep Korngold e Palanti: Edifícios de Escritórios (1930-1960)**. 2015. 406f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

BARBOSA, Marcelo Consiglio. **Adolf Frans Heep: um arquiteto moderno**. São Paulo: Editora Monolito. 2017.

CARRILHO, Marcos José; SANTOS, Cecilia Rodrigues dos; RIBEIRO, Alessandro José Castroviejo; DEL NERO, Paulo Sérgio Bárbaro. **Interfaces entre experiências: contribuições da documentação e da pesquisa para a prática projetual e para a crítica da arquitetura e do urbanismo**. Salvador, 6º Seminário Projetar, 2013.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil: 'andiamo in 'Merica...'**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2003. 535 p. ISBN 8531406714.

RIBEIRO, Alessandro Jose Castroviejo. **Edifícios Modernos e o Centro Histórico de São Paulo: dificuldades de textura e forma**. 2010. 331 f. Doutorado (tese) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

Consultas

Processos consultados no Arquivos do Arquivo Histórico Washington: nº do Processo 1827ª e nº do Processo 1769 nº do alvará 1195;

Processos consultados no Arquivo Corrente da prefeitura (Arquivo Iphan): nº do Processo 184 – 0.017.116 – 0, nº do Processo 184 – 0.013.141 – 0 e nº do Processo 184 – 0.013.140 – ;

Cartografias consultadas: Mapa Sara Brasil (1930), Mapa Vasp-Cruzeiro (1954), Planta de São Paulo (1881) e Ortofoto MCD (2004).

Contatos: e-mail aluno - marilia.lucchesi@hotmail.com e e-mail orientador - alessandro.castroviejo@gmail.com